

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG

**AMANDA GABRIELI BALDI GOMES
FRANCIELLI GONÇALVES LINS RIBEIRO**

A FORMAÇÃO DO IMAGINÁRIO DA CRIANÇA

**CASCABEL
2021**

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG

**AMANDA GABRIELI BALDI GOMES
FRANCIELLI GONÇALVES LINS RIBEIRO**

A FORMAÇÃO DO IMAGINÁRIO DA CRIANÇA

Trabalho de Conclusão de Curso TCC-Artigo
para obtenção da aprovação e formação no Curso
de pedagogia Centro Universitário FAG.

Professora Orientadora: Silvia Cavalheiro

**CASCADEL
2021**

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG

**AMANDA GABRIELI BALDI GOMES
FRANCIELLI GONÇALVES LINS RIBEIRO**

A FORMAÇÃO DO IMAGINÁRIO DA CRIANÇA

Trabalho de Conclusão de Curso-TCC como requisito para a obtenção da formação no
Curso Pedagogia do Centro Universitário FAG

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof. Silvia Cavalheiro

Prof. Jussara Chagas
Banca avaliadora

Prof. Marilena Salvati
Banca avaliadora

Cascavel, 29 de novembro de 2021

A FORMAÇÃO DO IMAGINÁRIO DA CRIANÇA

GOMES, Amanda Gabrieli Baldi¹
RIBEIRO, Francieli Gonçalves Lins²
CAVALHEIRO, Silvia³

mandsgab@icloud.com
fran.lins.ribeiro@gmail.com

RESUMO: Este é um trabalho de pesquisa de cunho bibliográfico e qualitativo, que tem por objetivo investigar e compreender como se dá a formação do imaginário infantil. Considerando que a criança pode ser influenciada pelo uso de metodologias adequadas, desenvolver o senso crítico e a criatividade por meio de boas leituras. A literatura, especificamente os Contos de Fadas, têm esse poder criador, que desperta e amplia o imaginário da criança. Para este estudo foram realizadas leituras das literaturas de diversos autores, tais como: Bettelheim (2002), Piaget (2013), Chauí (1984) e Ariès (1981), a contribuição destes é fundamental no estudo do imaginário e da infância, para compreender como a criança entende o significado da vida a partir de vivências e experimentos. Do ponto de vista psicanalítico, os Contos de Fadas transmitem mensagem do consciente, pré-consciente e inconsciente, em qualquer que seja o nível de leitura encorajando seu desenvolvimento.

Palavras-chave: Infância, Imaginário Infantil e Contos de Fada.

ABSTRACT: The following term paper is a bibliographic and qualitative research which aims to investigate and understand how a child's imaginary is created, once we consider that children may be influenced by the use of appropriate methodologies to develop their critical thinking and creativity through good reading. Literature, therefore, especially fairy tales, have shown a creative power that arouses and enhances a child's imaginary. As for the present study, we have done the reading of the literature of various authors, such as: Bettelheim (2002), Piaget (2013), Chauí (1984) and Ariès (1981). Their contribution has been essential to the studies for both the imaginary and the childhood so that we can perceive how children understand the real meaning of life as they learn it from their own living and experiments. Once regarding the psychoanalytical point of view, fairy tales may convey a message from the conscious, preconscious, and unconscious in order to encourage their development, no matter what the reading level may be.

Key words: Childhood, child's imaginary, fairy tales.

¹ Discente do oitavo período do curso de Pedagogia do Centro Universitário FAG.

² Discente do oitavo período do curso de Pedagogia do Centro Universitário FAG

³ Docente do curso de Pedagogia, no Centro Universitário FAG, especialista em Literatura e Língua Portuguesa (UNIVALE) e Gestão docência na Educação à Distância (FAG).

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa discutir sobre a formação do imaginário da criança. Em vista disso, busca-se compreender em que medida a literatura infantil, especificamente o Conto de Fadas, contribui para esse processo formativo. Assim, a hipótese que esse texto pretende defender é de que a literatura infantil, ao valorizar algumas características naturais das crianças em fase de desenvolvimento, como a fantasia e a imaginação, por exemplo, auxilia na formação da identidade da criança, na compreensão do mundo em que ela está inserida e na organização de seus pensamentos.

Para tornar a hipótese citada, de fato, defensável, será importante, então, investigar as diversas contribuições de estudiosos sobre o desenvolvimento infantil, bem como a convergência das pesquisas nas áreas de Psicologia, da Psicanálise, da Educação e da Literatura. Dentre os estudiosos e as pesquisas mencionadas, os mais importantes para esse trabalho são: Jean Piaget (2013) e sua obra *A Psicologia da Inteligência*, Bruno Bettelheim (2002) com *A Psicanálise dos Contos de Fadas*, Marilena Chauí (1984) com *Contos de Fadas e a Psicanálise*, Philippe Ariès (1981) e sua obra *História Social da Criança e da Família*.

Diante disto, e a fim de explorar a temática citada, este artigo se subdividirá em três seções. Na primeira delas, uma breve análise da relação entre a literatura e a representação da criança será apresentada. Assim, por meio da questão: ‘Por que antigamente os contos eram sexualizados e alguns chegaram a ser banidos?’, nesta seção, pretende-se formar a perspectiva sobre como as crianças eram consideradas, sobre como os contos as influenciavam e as críticas empreendidas a essa influência. O desenvolvimento deste momento terá como fundamento os estudos de Bettelheim (2002), Piaget (2013) e Ariès (1981), também contará com as reflexões de Charles Perrault, conhecido como “Pai da Literatura Infantil”.

A segunda seção, intitulada de “Fases da construção do imaginário infantil e seu desenvolvimento”, abrangerá, por sua vez, tanto os estudos que defendem a necessidade da adaptação ao meio em que se vive quanto os que acreditam que a imaginação é necessária para desenvolvimento de princípios. Para isso, o pensamento de Piaget (2013) e as fases de desenvolvimento infantil cunhadas por ele serão de suma importância. Por fim, na terceira seção, mas não menos importante, as reflexões de Chauí (1984) e de Bettelheim (2002) ajudarão a pensar sobre como os contos

contribuem para a formação da psique infantil. Por conta desta contribuição, este artigo chega ao ápice neste momento do texto.

Dada as leituras e investigações apresentadas acima, será possível perceber que, embora, ainda hoje, o senso comum defenda certos aspectos negativos para a construção do imaginário infantil, bem como para a sua identificação, a tese de que os contos possuem mais pontos positivos do que se imagina será reforçada. Neste sentido, eles são imprescindíveis, pois fornecem inúmeras contribuições ao mundo do faz de conta, dão subsídio para a construção da identidade, para a formação da consciência das crianças e isso tanto ao explorar assuntos como o amor e o ódio e a diferença entre ficção e realidade, quanto ao apresentar diversos dilemas e dificuldades enfrentados pelos personagens.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Por que antigamente os contos eram sexualizados e alguns chegaram a ser banidos?

A infância não possuía representatividade até o século XIII, pois, nessa época, as crianças eram vistas como miniadultos. Segundo Philippe Ariès (1981), logo que a criança deixava as mantas usadas no seu nascimento, ela passava a usar roupas de adultos: calças, camisas ou vestidos, por este motivo, a visão mencionada era reforçada e a presença da criança no mundo carecia de uma forma própria, carecia das marcas que contribuem para a formação do ‘infantil’. Muito disto se deve, de acordo com o autor, porque “A infância era um período de transição, logo ultrapassado, e cujas lembranças também eram logo esquecidas” (ARIÈS, 1981).

A situação citada começa a mudar somente no século XVII, quando algumas crianças começaram a se vestir e serem vistas de acordo com a devida idade. Com essa alteração, algumas brincadeiras passaram a ser consideradas como não apropriadas, ao saber: a prática de armas de fogo, arco e flecha, ou jogo de cartas, por exemplo. Neste período, também, algumas fábulas começaram a serem lidas, porém eram vistas como relativas à imaginação e não à realidade.

As novas perspectivas a respeito da criança, bem como o espaço para a leitura de fábulas, se solidificam a partir século XVII, sobretudo quando Charles Perrault inaugurou o conto infantil, tornando-se conhecido pelo título de “Pai da Literatura Infantil”. Os contos sempre apresentavam como ponto de partida um problema, seja ele a criança esfomeada, a arteira, os irmãos perdidos, a madrasta má ou a criança órfã, e seus enredos eram marcados pelos temas do amor e do ódio. Embora houvesse mudança em relação à imagem da criança, mesmo que fábulas fossem lidas e apesar de o surgimento dos contos exercer importância, os contos nem sempre foram considerados como relevantes para a construção do psicológico infantil.

Como, de início, havia uma enorme repressão na construção dos Contos Fadas – por exemplo: a criança gulosa sofre e a criança arteira é castigada –, os sentimentos das crianças eram oprimidos e transformados em desejos subliminares. Mesmo assim, isto é, sem a preocupação direta com a construção psicológica, lidos normalmente para elas, porque, no final, havia a ideia de que “todos viviam felizes para sempre”. As crianças escutavam atenciosas esperando o fim, pois elas consideravam intrigante a hipótese de que o personagem mau poderia se tornar uma pessoa boa.

Em consonância a isso, Marilena Chauí (1984) acrescenta que, junto com os contos antigos, existia muita repressão sexual. No conto da Chapeuzinho Vermelho, por exemplo, o vermelho simboliza fogo, e o fogo, simbolicamente, refere-se, na nossa cultura ao sexo. Além disso, o lobo mau tenta comer a Chapeuzinho, fato que pode ser interpretado com segundas intenções, também há o caçador que, com um fuzil, mata o lobo mau. Neste conto, os três principais personagens são: a garota ingênua (Chapeuzinho Vermelho), a figura masculina daquele que seduz (o lobo mau) e o bom moço que mata o lobo com seu fuzil (o caçador), libertando a garotinha.

Ainda, sobre repreensão sexual da criança, Bettelheim (2002) designa que tais contos podem conter muitos sentidos. Ao mesmo tempo em que eles possuem o lado da brincadeira e do divertimento, também podem libertar a criança para os desejos, para as fantasias, para as manifestações da sexualidade infantil, tudo isto deixa a criança livre para se defrontar com seu imaginário. Ademais, há um olhar pedagógico que corrobora com os padrões da repressão sexual atual, uma vez que orienta as crianças sobre o que é certo ou errado, e reforça, deste modo, inúmeros estereótipos de feminilidade e masculinidade.

Neste sentido, para Bettelheim (2002), os contos se dividiam entre o princípio do prazer, que era o excesso da gula, avareza ou da curiosidade, e o princípio da realidade,

que era aprender a esperar o prazer, especificar afetos, condutas e, sobretudo, controlar impulsos. Neste ínterim, a psicanálise diferencia as fases da sexualidade da criança em estágios, que representam a fixação da libido. Tal fixação, conhecida como “instinto sexual”, conforma-se ao comportamento infantil: se a criança é muito gulosa, nomeia-se “fase oral”, se não sabe dividir as coisas, é pouco generosa, refere-se à “fase anal”, se é muito curiosa, então denomina-se “fase fálica e genital”. Logo, estas histórias trazem uma reflexão para a sociedade da época, mas não são crônicas, pois contêm uma temática permanente.

Como os contos, seguindo o pensamento de Bettelheim (2002), abordam os dramas psicológicos da infância, isto é, espelham-se em lutas interiores, eles ajudam as crianças a resolver os seus próprios conflitos durante o seu processo de crescimento. No entanto, alguns Contos de Fadas foram banidos por serem considerados nocivos ao psicológico das crianças, haja vista que muitos pais consideram que por não serem verdadeiros, são pouco saudáveis e não conseguem entender que uma criança lúcida não acredita nestes contos como sendo real. Além disto, os pais pressupõem que narrar esses Contos de Fadas seria o mesmo que mentir para seus filhos.

Nas considerações de Bettelheim (2002), por conseguinte, “A verdade dos Contos de Fadas é a verdade da nossa imaginação, e não da causa habitual”. Isto significa que a criança está muito mais interessada em saber o lado bom e ruim da estória, ou seja, se o personagem é bom, se era malvado ou se a bruxa morre no final. Quando ela pergunta: “Isto é verdade? ”, deseja-se ouvir o conto, mas também quer ter a certeza de que estará bem protegida no seu mundo real, livre de possíveis dragões medievais. Infelizmente, alguns pais temem que seus filhos passem a acreditar em magias, ou que sua mente fique repleta de fantasias ao ponto de não saber se reportar com a realidade. De fato, qualquer que seja a experiência, quando não bem vivenciada, pode afetar sua personalidade.

Bettelheim (2002) também fala sobre um desenvolvimento frustrado que se dá quando um dos componentes da personalidade – ID, ego, superego, consciente e inconsciente – predomina sobre os outros e se esgota, fazendo com que o indivíduo passe a maior parte do tempo sob domínio da imaginação. Em consonância a isto, de acordo com Piaget (2016), o ID é um termo psicanalítico, sendo ele uma fonte de energia psíquica que está conectado às pulsões; o Ego é um aspecto consciente da personalidade e, de acordo com o contato com o mundo exterior, é responsável por controlar as pulsões; por último, o Superego nasce da internalização dos valores. Neste

sentido, Bettelheim (2002) fala sobre os termos psicanalíticos de acordo com os Contos de Fadas:

Aplicando o modelo psicanalítico da personalidade humana, os Contos de Fadas transmitem importantes mensagens à mente consciente, à pré-consciente, e à inconsciente, em qualquer nível que esteja funcionando no momento. Lidando com problemas humanos universais, particularmente os que preocupam o pensamento da criança, estas histórias falam ao ego em germinação e encorajam seu desenvolvimento, enquanto ao mesmo tempo aliviam pressões pré-conscientes e inconscientes. À medida que as histórias se desenrolam, dão validade e corpo às pressões do ID, mostrando caminhos para satisfazê-las, que estão de acordo com as requisições do Ego e Superego. (BETTELHEIM, 2002, p.14).

Bettelheim (2002) apresenta então, uma diferença em relação à constituição do pensamento das crianças e do pensamento dos adultos: enquanto estes últimos gastam menos energia ao pensar, enquanto eles, ao decidirem, por meio da experimentação, sobre as possibilidades de sucesso e do melhor caminho para concretizá-lo, as crianças não possuem raciocínio ordenado. Nelas, os “pensamentos são suas fantasias”. Por isto, tentar impor pensamentos racionais a elas é o mesmo que limitá-las.

Em vista desta distinção, Bettelheim (2002) discorre sobre as diversas críticas que os Contos de Fadas sofreram por meio das novas descobertas das ciências em torno da psicanálise e da psicologia, elas associam estes contos à desenvoltura da imaginação violenta, ansiosa, destrutiva, sarcástica e autodestrutiva das crianças, acreditando assim que essas histórias podem deixá-las com pensamentos deturpados. Então, para que os contos em que existissem monstros fossem contados, eles deveriam ser transformados em bonzinhos e amigáveis. Ocorre que esses críticos se esquecem de que muitas vezes as próprias crianças têm monstros imaginários dentro delas e precisam falar sobre isto, e ao deixar a criança prisioneira da sua imaginação, pode gerar ansiedade.

Em outras palavras, a criança reprime sua fantasia desagradável e tem somente o lado bom para escutar. Porém, conter o ID não funciona, porque dá mesma forma que a criança guarda e percebe o lado bom, também guarda e percebe o lado ruim. Isto pode trazer várias consequências na infância e até na adolescência, como a exemplo de uma pessoa que se torna calada, isolada do mundo, com medo de manifestar seus desejos e opiniões, pois foi privado na infância.

Bettelheim (2002) relata que existem os pais que negam os Contos de Fadas a seus filhos com receio de que criem desejos assassinos, de que queiram reproduzir na

vida real o que foi contado nos livros. Embora isto pareça assustador, o que os pais não fazem ideia é que os próprios filhos, às vezes, também têm uma imagem negativa e distorcida de seus genitores. Uma relação de amor e ódio se estabelece com frequência, numa completa inversão de valores, como o próprio autor diz: os Contos de Fadas são amados pelas crianças, não pelas imagens que apresentam, mas pelo simples fato de que sempre terão um final feliz que a criança não consegue idealizar por conta própria. Nesta perspectiva, resta-nos, agora, explorar o aspecto da imaginação, ao apresentar as fases para a construção do imaginário infantil.

2.2 Fases da construção do imaginário infantil e seu desenvolvimento

Não se sabe ao certo o início da construção do imaginário de uma criança, mas quanto mais asas se der a sua imaginação, mais criativa e bem resolvida com emoções, essa criança será. Por meio de diversas pesquisas realizadas, Piaget (2013) comprovou que os seres humanos se modificam de acordo com o meio em que estão inseridos. Logo, o desenvolvimento da aprendizagem está relacionado com a necessidade de adaptação, contato com novos estímulos, gerando assim novos conhecimentos e readaptação do que já se sabe.

Nos pressupostos de Piaget (2013), o aprendizado possui ligação com a adaptação, a acomodação e a assimilação, através do meio em que se está inserido e da internalização dos conteúdos recebidos que passam por etapas até que ocorra a compreensão. Em seus estudos, o autor divide as fases de desenvolvimentos em quatro etapas assim denominadas e descritas: Sensorio Motor, acontece entre zero a dois anos, concentra-se nas sensações, movimentos e coordenação motora; Pré-Operatório, ocorre entre dois a sete anos, diz respeito às representações da realidade na qual a criança está inserida, e essa também é a fase dos porquês; Operatório Concreto, ocorre entre oito a doze anos, refere-se ao desenvolvimento do pensamento lógico concreto, regras sociais e o senso de justiça; por último, a fase Operatório Formal, que acontece a partir dos doze anos, e tem, em sua base, o início da compreensão sobre os demais e o desenvolvimento da autonomia.

A partir dos estudos de Piaget (2013), afirma-se que as primeiras fases do desenvolvimento de uma criança são levadas para a vida toda, sejam elas boas ou ruins,

pois os pensamentos são guiados por fantasias e tudo depende do meio em que essa criança está inserida. Desta maneira, faz-se necessário considerar que a infância é algo particular, é uma construção única da nossa psique; para muitas crianças, infância é acordar cedo, ir para sala assistir desenho, beber um copo de achocolatado e esperar o tempo passar até chegar o horário do almoço.

E quando pequenas, as crianças adoram filmes de magias e podem levar o sentimento mágico para a vida toda. Assim, a infância, única e com experiências que não se igualam de um para outro, é um belo retrato de imaginação. A criança, por exemplo, pode passar anos acreditando no coelho da páscoa, na fada do dente, no Papai Noel, nas bruxas e, de repente, perceber que isso tudo era apenas imaginação, quando a frustração, que acompanha esse processo vem, ela percebe que a vida é assim.

Convém lembrar que Piaget (2013) acreditava que as crianças são aprendizes autônomas ativas, e usam seus sentidos para interagirem com o mundo à medida que passam pelos estágios de desenvolvimento. Para ele, é primordial estimular a criança neste percurso, oferecendo liberdade para explorar seu espaço por conta própria e de maneira individual, para estar livre para errar ou acertar. É neste estágio que a criança libera toda sua imaginação e criatividade; por isto, é fundamental que o professor proporcione todo apoio e liberdade para que o aluno se expresse. Ademais, Piaget (2013) reconhece que, desta maneira, formam-se homens e mulheres capazes de produzir coisas novas. Com base neste reconhecimento, o conceito de aprendizagem como um processo pessoal e ativo ganha sentido. Ou seja, o processo, do nascer até a infância, é natural porque a aprendizagem provém do desejo de sentir, tocar, explorar, mexer e conhecer.

2.3 A contribuição dos contos com a psique infantil

De acordo com Marilena Chauí (1984), embora a contribuição de estudos sobre desenvolvimento infantil e a convergência dos estudos da psicologia, da psicanálise, da educação e da literatura possibilitem pensar sobre a formação do imaginário infantil, ainda permanecem resíduos do senso comum que atrapalham tanto no pensar sobre essa construção quanto também na sua identificação. Neste sentido, considera-se imprescindível o imperativo da contribuição do mundo do faz de conta. A construção da

identidade e do subconsciente das crianças são tornadas possíveis em sentido positivo, pois os contos transformam-se no refúgio mediante o qual as crianças são livres para transformar os adultos em heróis, são livres e inocentes para enxergar vida onde não tem.

Como não é de hoje a importância dos contos para as crianças, como elas se desenvolvem por meio deles, conseguindo adentrar no mundo da fantasia, esperando ansiosas por um sapo que vira príncipe, por um vestido deslumbrante, um castelo cheio de animais falantes, por serem meninas que rodam e rodam com os vestidos de princesas e meninos que cavalgam cheios de determinação em cima dos seus cavalos de pau, é possível dizer que isto é magia. Ou seja, é um deslumbre, uma afeição que não se pode retirar das crianças inocentes. Elas amam, interagem, brincam de faz de conta com todos os personagens e imaginam que são eles. Este parece ser, então, o propósito dos contos: a criança se imaginar naquela situação, estabelecer vínculos, fazer com que alguns problemas e conflitos pelos quais ela esteja passando se relacionem com os contos. No fim, é esta permissão que possibilitará que o “Felizes Para Sempre” seja a resposta de que ela precisa.

De acordo com Bettelheim (2002), os contos se igualam às experiências das crianças com o mundo. Por este motivo, eles chamam a atenção delas para os problemas, conflitos e angústias, que são também vivenciados pelos pequenos, e oferecem um consolo. Neste sentido, é muito mais fácil que a criança tenha essa experiência com os contos do que um adulto, pois há, entre a realidade dela e dos contos, a possibilidade de comunicação. Assim,

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer seu intelecto e tornar claras suas emoções, deve estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações, reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve de uma só vez relacionar-se com todos os aspectos de sua personalidade – e isso, sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e, simultaneamente, promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro. (BETTELHEIM, 2002, p.13).

Em continuação, segundo a afirmação de Bettelheim (2002), para uma criança entender o significado da vida são necessárias muitas vivências e experimentações. Conforme ela vai se desenvolvendo, o conhecimento sobre si própria melhora e, conseqüentemente, a sua relação com os demais também, tornando-se mais eficaz e expressiva. Quando gerados sentimentos positivos, as crianças desenvolvem emoções,

imaginação e inteligência, além do raciocínio e suporte para encarar as adversidades. Para isto, é muito importante que os pais estejam atentos e saibam transmitir de forma correta a herança cultural a seus filhos, pois é através da literatura que eles canalizam suas emoções.

Entretanto, algumas literaturas da atualidade são muito rasas e superficiais e tornam a habilidade da leitura pouco prazerosa e por vezes até insignificante. De acordo com Bettelheim (2002), a ideia de se aprender a ler e ter contato com o mundo imaginário dos Contos de Fadas torna-se vazia se a literatura for superficial, pois roubam da criança o acesso ao significado mais profundo para ela neste grande estágio do seu desenvolvimento. Assim, para que funcione efetivamente o processo de construção de conhecimento, a literatura deve entretê-la e, também, despertar sua curiosidade, além de estimular sua imaginação, desenvolver o intelecto e clarificar suas emoções.

Deste modo, os Contos de Fadas são muito importantes para as crianças, porque é por meio deles que a compreensão e o aprendizado sobre os problemas interiores dos seres humanos serão solucionados. Afinal de contas, ela necessita de ideias sobre como se encontrar e se organizar, de dentro para fora, e com isto conseguir criar ordem em sua vida. Se, como apontado anteriormente, do ponto de vista psicanalítico, os Contos de Fadas transmitem mensagem do consciente, pré-consciente e inconsciente, independente de qual for o nível de leitura naquele momento, então estes contos crescerão no ego e encorajarão o desenvolvimento da criança.

À medida que os contos se desenrolam, Bettelheim (2002) deixa claro que eles passam a valorizar as expressões do ID, isto é, passam a valorizar os desejos, as vontades e as pulsões primitivas. Com base nisso, os caminhos para satisfazê-los, de acordo com requisições do ego e superego, outros componentes da personalidade humana, serão criadas. Nesta perspectiva, os contos possuem um sentido bem mais profundo que as demais literaturas, pois começam do ponto de onde a criança se encontra no seu SER psicológico e emocional. Por este viés, ela entende o que se passa dentro do seu interior inconsciente, e, com isto, pode atingir a compreensão e adquirir as habilidades necessárias para lidar com a sua realidade. O conto permite que ela fantasie sobre elementos a ele pertinentes, mas sempre em resposta a pressão do inconsciente infantil.

Ainda que alguns pais acreditem que somente a realidade consciente ou imagens agradáveis e coloridas devam ser apresentadas às crianças, ainda que eles evitem expô-

las ao lado ruim e desagradável da vida, e a façam acreditar que todos os homens são bons, segundo Bettelheim (2002), “Nos Contos de Fadas, os personagens não são ambivalentes, não são bons ou ruins ao mesmo tempo”; eles apresentam contraposições, haja vista que existe a irmã que é trabalhadora e a que não é, a mãe amorosa e a madrasta malvada, o filho que ajuda os pais e o outro que não gosta de trabalhar e muitas outras figuras, que são boas ou ruins.

Neste sentido, pode-se compreender que a criança tem uma noção sobre o que é certo ou errado, da mesma forma que possuem uma base para compreender as diferenças que existem nas pessoas e que estas precisam escolher como elas desejam ser, sendo essa a característica da formação de personalidade de um indivíduo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste artigo, consideramos não somente a postura romântica dos contos, mas também suas relações adversas. Visto que a temática dos contos é o amor e o ódio, existia, assim, muita repressão envolvida nos enredos. Os sentimentos das crianças eram oprimidos e os contos sexualizados, divididos entre o sentimento do prazer, gula, curiosidades e avarezas, e, entre todos esses sentimentos, eles demonstravam uma coisa em comum: os conflitos internos que aquela criança passava e projetava nos adultos ao seu redor. Desta maneira, se a madrasta má poderia castigar aquela pobre menina por tal atitude nos Contos de Fadas, a madrasta da vida real também poderia. Em igual sentido: uma pessoa má poderia ficar boa, assim como no Conto da Bela e a Fera, por exemplo.

Todavia, afirma-se que os Contos de Fadas oferecem contribuições eminentemente mais profícuas para a formação da psique infantil. Ao adentrar no mundo das fantasias, as crianças colocam-se no lugar dos personagens e identificam similaridades entre seus problemas reais e as narrativas dos Contos de Fadas, por esta identificação, elas podem manifestar seus desejos, medos e, muitas vezes, inconscientemente, evoluir no processo de crescimento.

4. REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: AS, 1981. Tradução de Dora Flaskman, 2ª Edição – LIVROS TÉCNICOS E CIENTÍFICOS - 1981.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. 16ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2002. Tradução de Arlene Caetano.

CHAUÍ, Marilena. **Contos de Fadas e a Psicanálise**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984. E- Biografia. **Biografias de famosos, resumo da vida, obras, carreira e legado**. Novembro de 2020. Disponível em: <<https://www.ebiografia.com/charles_perrault/>>. Acessado em 05 de agosto de 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 4 ed. São Paulo. Editora Atlas S.A, 2002, p. 17-68.

IAPSI, Instituto de Avaliação Psicológica e Psicoterapia. **As Fases do Desenvolvimento Infantil**. Novembro de 2020. Disponível em: <<<http://www.iapsi.com.br/blog/35/as-fases-do-desenvolvimento-infantil>>>. Acessado em 15 de setembro de 2021.

MACHADO, Fernanda. **A Importância do Imaginário Infantil na Primeira Infância**. NOVEMBRO 2018. Disponível em: <<https://www.macetesdemaes.com/a-importancia-doimaginarioinfantil/#:text=Quando%20falamos%20em%20imagin%C3%A1rio%20infantil,assim%20C%20em%20algum%20momento%20do>>>. Acessado em 05 de agosto de 2021.

_____. **O Livro da Psicologia**. Editora O Globo, 2016.

PIAGET, Jean. **A Psicologia da Inteligência**. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: VOZES, 2013.